



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17565 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Educação e Povos Indígenas

AS NARRATIVAS E ENCANTARIAS DOS POVOS INDÍGENAS DO NORTE DO ESPÍRITO SANTO

Veratriz Souto Campos - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Thelma Chiarelli Cerri - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Fábio Guss Strelhow - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPES

AS NARRATIVAS E ENCANTARIAS DOS POVOS INDÍGENAS DO NORTE DO ESPÍRITO SANTO

A prática relata a importância da resistência das narrativas de história oral de um povo cheio de ancestralidade, acompanhada da biodiversidade e belezas cênicas local. O trabalho acontece mediante ações de Educação Ambiental Crítica, na qual a pesquisa é realizada de forma intrínseca às atividades do contexto ambiental, cultural, antropológico, arqueológico e histórico. Apresenta uma rica explanação do povoamento local, evidenciando a luta dos povos indígenas neste território.

As atividades desenvolvidas, na sua maioria, são aplicadas com o público variado das escolas, o qual, é atendido neste espaço não formal de maneira dinâmica, com a mostra de materiais arqueológicos identificando três fases: Fase Pré-Colonial; Fase Colonial e Fase Atual. O diálogo acontece por meio de reflexões e apontamentos históricos referentes aos povos indígenas, incluindo narrativas de memórias e mitologias. Esses registros orais são importantes para manter viva a memória destes povos, corroborando na fomentação do sentimento de pertença daqueles que ainda não se reconhecem nessa identidade, além de contribuir na desconstrução do pensamento colonizado daqueles que não conhecem a história dos povos desta região. Esse movimento possui ênfase no processo de ensino e aprendizagem desenvolvido nas escolas, com práticas contextualizadas e

significativas em que o estudante se reconheça em sua ancestralidade.

Esse trabalho intitulado “Contando o passado, encantando o presente”, tem o intuito de valorizar os povos indígenas, os de tradição Itaipu e os troncos linguísticos Tupi e Macro Gê, os quais, são identificados, também, nos materiais bibliográficos como banner, revistas e outros. A coleta de dados é realizada através da escuta oral, observação de artefatos, trabalho de campo nos Sítios Arqueológicos e pesquisas bibliográficas.

O desenvolvimento do trabalho objetiva, também, o aprimoramento, afirmação e reafirmação do território indígena que aqui se configura. Nesse sentido, o autor Jecupé, em confluência com as atividades desenvolvidas sobre a história, a cultura, e arqueologia nos alerta:

“Arqueologia tem como meta compreender a estrutura, o funcionamento e os processos de mudança das sociedades do passado a partir dos restos materiais produzidos, utilizados e descartados pelos indivíduos que compunham essas sociedades. A cultura material é o objeto de estudo da arqueologia. Os vestígios arqueológicos constituem documentos para o estudo da história social e material indígena.” (Jecupé, 1998, pag. 30)

O processo da pesquisa é amplo e potente, de caráter etnográfico na arqueologia, em que Malinowski apresenta “A etnografia, ciência em que o relato honesto de todos os dados é talvez ainda mais necessário que em outras ciências, infelizmente nem sempre contou no passado com um grau suficiente desse tipo de generosidade” (2018. pág. 57)

Endossa-se a contribuição dos materiais biográficos, artefatos da arqueologia, relatos de entrevistas e escutas como materiais ricos que produzem conhecimento para compreendermos a importância da resistência dos povos indígenas desta comunidade e contribuir na formação dos estudantes.

As pesquisas realizadas com/ou sobre os povos indígenas, bem como em seus territórios, os registros bibliográficos e dos artefatos exigem empoderamento peculiar com a cultura local, os mitos e encantarias vivas, que trazem histórias, memórias em suas ancestralidades. Linda Smith alerta sobre a necessidade da ética, respeito e cuidado ao registrar a cultura de um povo e ressalta a importância de cada povo pesquisar, conhecer e registrar sua própria história: “queremos contar a nossa própria história, escrever as nossas próprias versões, a nossa maneira, para os nossos próprios fins” (Smith, 2018, p. 42).

Contar a história de uma cidade que foi “engolida” pela areia e manter viva sua memória através de artefatos, pesquisas e oralidade dos povos indígenas e afrodescendentes que ali viviam é um compromisso com a atual e futuras gerações. Hermógenes Lima Fonseca, reverbera nas linhas de seu poema que

” A areia não satisfeita

Sem receio do que fez
De forma as suas dunas
Desceu o rio de uma vez
Quando acabou o Itaúnas
Todo barranco desfez
(Fonseca, 1980, pág. 15.)

Para adentrar a forma como os povos indígenas reconhecem e tratam a natureza, refletindo a sua existência, o ambientalista e escritor de origem Tapuia relata:

“Segundo estudiosos da civilização urbana, as formas nativas de lidar como com a flora e a fauna a fim de manter um equilíbrio sustentável levaram os povos da floresta a desenvolver técnicas de manejo de solo, de plantio e processamento de alimentos, bem como técnicas e equipamentos para caça e pesca. Classificaram e nomearam em sua língua tribal árvores e plantas utilizadas na alimentação, medicamentos confecção de instrumentos de caça e pesca, construção de moradias, barcos etc.” (Jecupé, 1998, pag. 87).

Ressalta-se assim, a importância de manejar cuidadosamente o meio ambiente, enfatizar e valorizar a Educação Ambiental Crítica em território marcado pelo coletivo de muitas memórias vivas, em especial as ancestralidades.

A escuta atenta às narrativas de moradores deste território, garante a originalidade de informações importantes a serem registradas na pesquisa em andamento. A construção de materiais e informações pedagógicas envolvendo a temática é fundamental para dar visibilidade aos povos indígenas deste território, principalmente o público dos espaços escolares.

O relato reverbera o processo em que professores, alunos e visitantes são envolvidos em ações que despertam o reconhecimento, a visibilidade, a vitalização da cultura e crença, mantendo viva as suas memórias e abrindo caminhos para novas narrativas e descobertas, relacionadas aos povos indígenas neste território, contribuindo para uma nova visão dessa temática nos espaços escolares.

Palavras-chave:

Artefatos arqueológicos, narrativas, memórias, território.

REFERÊNCIAS

FONSECA. Hermogense Lima. **A vila de Itaúnas**: a Vila que foi soterrada. Folheto de memórias popular, 1980.

JACUPÉ. Kaka Weré. **Terra dos mil povos**: história indígena do Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2 ed, 2020.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MALINOWSKI, Bronislaw, **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia, Abril Cultural, 1976.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando Metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Tradução: Roberto G. Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.